

HUMOR EM TEMPOS DE CÓLERA

Humor in times of anger

Elias Thomé Saliba (Entrevistado)^a

 <https://orcid.org/0000-0002-1575-7255>

E-mail: etsaliba@usp.br

Emerson César de Campos (Entrevistador)^b

 <https://orcid.org/0000-0002-1455-4528>

E-mail: emerson.campos@udesc.br

^a Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas,
Departamento de História, São Paulo, SP, Brasil

^b Universidade do Estado de Santa Catarina /UDESC, Centro de Ciências Humanas e Educação/FAED,
Departamento de História Florianópolis, SC, Brasil

PALAVRAS-CHAVE: Humor. Historiografia. Tempo Presente.

KEYWORDS: Humor. Historiography. Present Time.

APRESENTAÇÃO E ESTADO DA ARTE

[...] Já se produziu uma verdadeira biblioteca, com centenas de volumes, que nos legaram as mais variadas definições sobre o humor e o riso (daquelas que a vida inteira de um estudioso jamais esgotaria) e que nunca lograram sequer a esboçar uma categoria ou ao menos um princípio unificante para as formas cômicas e humorísticas. Mais do que noutras áreas temáticas, muitos estudiosos já reconheceram a singularidade das produções teóricas sobre o riso e o humor: cada autor parece começar sua reflexão do zero, supondo-a sempre original, ignorando em grande parte as tentativas anteriores de definição (Saliba, 2017, p. 11).

Recentemente, ao participar de um debate entre historiadores em um evento de nossa área, enquanto pesquisador do Humor, recebi um comentário de um colega. Relatou-me ser muito agradável pesquisar o tema, pois é leve e divertido, “diferente para a maioria de nós, historiadores, sempre preocupados com temas sérios e clássicos da historiografia brasileira. Em contrariedade ao comentário recebido, sinceramente gentil, acredito que o Humor é um tema sério na historiografia brasileira; e, por isso, exige investigação. A capacidade de sugerir uma inversão da ordem estabelecida, além de apontar caminhos diferentes que caracterizem o Humor – e aqui me refiro ao Humor brasileiro –, fortalece as narrativas histórico-literárias. Tal aspecto a torna sólida e bastante eficiente nos debates sociais que enfrentamos no cotidiano.

Faz-se necessário algumas considerações sobre o uso do Humor nas narrativas histórico-literárias. As motivações de um pesquisador do Humor são, sem contestação, muitas, de modo tanto objetivo, para o historiador que se dedica a problematizá-lo, quanto subjetivo, já que há uma grande complexidade em sua manifestação para além do riso que provoca, principalmente, quando, de modo direto (e incauto), o Humor e o Riso são associados como sinônimos. Cada vez mais o Humor se constitui como um campo de estudo. Uma das grandes referências nos estudos do Humor é o Professor Elias Thomé Saliba, a quem tive o privilégio de entrevistar.

Nós havíamos combinado a entrevista fazia alguns meses, a qual, por circunstâncias profissionais de ambos, só foi possível concretizá-la na segunda quinzena de agosto último (2025). Eu venho pesquisando, há alguns anos, a produção literária do Humor brasileiro, especialmente (mas não apenas) durante o processo de redemocratização no Brasil desde 1979, e considero que, em nosso país, a luta pela democracia, ao menos para mantê-la, requer um esforço diário e contínuo. Este ano de 2025 tem sido uma provação para os interessados em manter um país soberano, livre e democrático. Em meus estudos tenho priorizado os escritos de Luis Fernando Verissimo, escritor que dispensa apresentações e



que, infelizmente, nos deixou no dia 30 de agosto último. O envolvimento com o tema de minha pesquisa indicada está diretamente relacionado à produção historiográfica do Professor Doutor Elias Thomé Saliba, o entrevistado nessa oportunidade que segue. A geração de historiadores a qual pertenço teve a oportunidade de presenciar o florescer de uma carreira absolutamente irretocável em defesa de uma sociedade democrática. E o professor Elias Saliba construiu a sua, em larga medida, a partir da teorização do Humor nas relações sociais. Isso fica marcado desde a primeira edição de *Raízes do Riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*, cuja primeira edição data de 2002, e é uma versão editada e escoimada de sua Tese de Livre Docência, defendida em 2000, na Universidade de São Paulo (USP). A formação do professor Elias Saliba é de *fio a pavio* em História. Possui Graduação, mestrado e doutorado em História (1982) e Livre Docência em Teoria da História (2000) pela USP. Professor Titular do Depto. de História da USP, desde 1990; especializou-se em História da Cultura, com ênfase no Brasil do período republicano. É pesquisador 1A do CNPq e membro da Associação Internacional de Historiadores do Humor. É professor de Teoria da História na USP, onde atualmente desenvolve pesquisas na área de história cultural do Humor. Publicou ainda artigos e capítulos de livros relacionados à área de Teoria e Epistemologia da História, Metodologia e História da Historiografia. Exerceu – e ainda exerce – inúmeras atividades de consultoria em órgãos diversos, instituições de pesquisa (FAPESP, CAPES, CNPq, Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores, MEC e rede SciELO) e editoras, além de participar de inúmeros conselhos editoriais de publicações especializadas nacionais e internacionais (especialmente Oxford Editions e HAHR). Atua também na área de divulgação científica, em vários meios da imprensa escrita, com circulação nacional e internacional. Seus estudos, cursos e seminários mais recentes giram em torno da história cultural do Humor no Brasil, envolvendo as diversas linguagens da representação cultural. É líder do grupo de pesquisa "Do humor de espetáculo ao humor compartilhado: impactos do universo cômico na esfera pública brasileira. (1920-1970)", certificado e apoiado pelo CNPq para o período (2024-2029) e coordenador do site: <https://humorhistoria.wordpress.com/>

Agradeço a Revista Esboços da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) pela oportunidade de publicar a entrevista que segue.

Emerson César de Campos



A ENTREVISTA:

Professor Saliba, obrigado por aceitar me conceder essa entrevista, e como primeira pergunta: como você percebe a expressão: Ninguém leva o humor a sério!?

Acho que atualmente podemos dizer que “Todos (ou quase todos) levam o humor a sério.” Quando comecei a estudar a história cultural do humor em 1990, o tema era uma espécie de “patinho feio” nos meios acadêmicos. A reação de colegas era mais ou menos assim: “Este historiador se dedica a pesquisar um tema um tantinho frívolo...e, ainda se diverte!” Em 1998, o único capítulo sobre o humor nos monumentais quatro volumes da “História da Vida Privada no Brasil” foi o que eu escrevi. Os editores desconfiaram da proposta, mas acabou saindo: acho que foi por teimosia. Já quando publiquei meu primeiro livro sobre o tema em 2002 (*Raízes do Riso*, Cia. das Letras) – que foi um resultado (bastante escoimado e editado) de minha tese de livre-docência sobre História e Linguagem – o assunto do humor e da comédia já era reconhecido internacionalmente, sendo objeto de congressos, simpósios, redes de pesquisa e, em parte, consolidado em centenas de instituições. Afinal, piadas não são feitas apenas para o riso e o divertimento, pois constituem códigos culturais a serem decifrados e interpretados. Cada época gera uma visão sobre o lugar do cômico e sobre o papel dos códigos humorísticos na cultura. Por trás da opacidade do mero divertimento, cada época incorpora em suas ideologias e representações uma teoria a respeito do humor e do riso. E é tarefa dos intérpretes acentuar sua historicidade sempre no sentido de delinear uma compreensão crítica de tais representações. Ainda assim, minhas pesquisas continuam sérias, mas também – e por que não? – continuam me divertindo.

Pode se fazer humor sobre qualquer assunto e situação? Como isso se relaciona as categorias gênero, raça, nacionalidade, religião e outras diferenças?

Essa questão é bastante atual – e temos pouco distanciamento para respostas muito fáceis. Temos mais perguntas do que respostas. O entendimento do cômico sempre dependeu da cultura, da etnia, da faixa etária, do gênero e, claro, da linguagem – e, atualmente, mais ainda, pois a segmentação digital é maior. Acho que, no caso brasileiro, ainda persiste uma ética emocional para lidar com as coisas da vida. É o riso, mas também pode ser o choro, o sentimentalismo, pois tudo passa pela emoção: “A distância entre o riso e o choro, entre nós, é apenas o nariz”, dizia Millôr Fernandes. Os limites do humor correspondem à capacidade que as sociedades democráticas possuem de forjar os seus



próprios sistemas de valores. O politicamente correto é característica de sociedades que perderam o norte dos padrões morais e acabaram por impor regras casuísticas tópicas, que só conseguem estabelecer limites arbitrários. Batizado com outros nomes ou disfarçado de alguma forma de censura, o politicamente correto sempre existiu em sociedades que viveram momentos distópicos, quando a ausência de cenários futuros deixou de ensejar padrões morais estáveis. O resultado é um moralismo nervoso, não raro redundando em histeria censória, a qual se manifesta aqui e ali, meio esquizofrênico, tópico, que não sabe bem a que veio e que, na história, nunca resultou em boa coisa.

Aqui entramos no terreno do Direito e, apesar de alguns estudos importantes na área jurídica do humor, são poucos os trabalhos que analisam diretamente os limites morais do exercício da comicidade. É bem consolidado perante os tribunais que a responsabilidade por eventuais excessos no exercício da liberdade de manifestação do pensamento é subjetiva, isto é, depende da demonstração da ocorrência de dolo ou culpa por parte do agressor. Isso significa dizer que é necessário demonstrar que houve vontade inequívoca de causar dano por parte de quem cometeu o excesso. É óbvio que todo humor que reforça o preconceito ou o ódio, não chega a ser humor, pois manieta e atropela a própria dignidade humana. Seja como for, no cenário contemporâneo, marcado pela expansão da web, os processos judiciais acabaram se transformando num grande palco para a discussão da produção e da censura de humor em vários países. Trata-se de um terreno delicado, pois, sobretudo nos processos por calúnia, injúria ou difamação, a judicialização e seus diversos mecanismos transmutaram-se em meios de controle e censura da produção cultural de humor. Nesse caso específico, a necessidade de análise e reconstituição do contexto de tempo, lugar e usos sociais das piadas é uma tarefa comum ao historiador e ao jurista. Essa situação mudou radicalmente, nas duas últimas décadas, com a penetração das mídias digitais, nas quais assistimos a ascensão de um riso de desrecalque, um riso de escárnio ou de ódio, um riso do luto e da morte. Como chegamos a isto? Até que ponto os universos digitais, com suas sofisticadas ferramentas e redes sociais, revelaram-se como centrais ou meramente periféricos nestas mudanças? De que maneira a cultura cômica, acompanhando o declínio da esfera pública, tornou-se tão reativa – e se retraiu ao ponto de chegar ao limiar do seu desaparecimento, pelo menos em seu aspecto de riso autêntico e verdadeiro? As redes sociais – manejando um humor depreciativo e agressivo, não raro reativando preconceitos e estereótipos – parecem ter se transformado no Velho Oeste norte-americano, tal como retratado nos filmes. Não apenas surgiu uma nova safra de humoristas, como quase todo mundo, bem ou mal, se transformou numa geração



multiplataforma de humoristas inaugurando um universo da nova comédia frívola. Lembre-se, ainda, que a própria nomenclatura do humor ofensivo ou da atitude de “rir da desgraça alheia” é uma designação que as próprias sociedades elidem ou recalcam, não existindo uma palavra específica e única para designar tal tipo de riso. Tiffany Smith argumenta o quanto gostamos de saborear aquele prazer risonho com o fracasso e a inferioridade dos outros, mas quando nos pedem para nomear com todas as letras esse prazer, nossa linguagem empaca e recai num silêncio hipócrita. Para cobrir tal recalque, adotamos a palavra alemã *schadenfreude*, a qual num único vocábulo reúne “dano” (*schaden*) e alegria (*freude*), significando “alegria ou prazer com o dano ou a desgraça alheia”. Aqui, temos um exemplo de como a sociedade atual, que naturaliza o riso sempre como positivo, recalca até mesmo a designação do riso derrisório e ultrajante através de um único vocábulo existente na língua alemã. Tudo indica que vivemos a era da *Schadenfreude*. Tiffanny Smith apresenta várias análises de casos que comprovam isso. Todos, parece, nos sentimos extremamente ansiosos por retaliações rancorosas publicadas à distância, ou seja, do conforto de nossos sofás da sala de estar. O que poderia ser uma transformação para melhorar as conversas públicas, transformou-se numa catastrófica justiça de multidão. As plataformas de mídia social repetem sempre o mesmo argumento de que são neutras, mas está ficando cada vez mais claro o quão profundamente elas moldam nosso senso de injustiça. Algoritmos baseados na receita das empresas promovem o conteúdo mais compartilhável – quanto mais provocador for, mais atrai cliques. Mas talvez o que torna a indignação moral online tão compulsiva é que ela vem quase sem esforço ou aparentemente sem nenhum custo. Como vários estudos mostraram, temos mais probabilidade de punir quando outros estão assistindo, e na web já temos uma audiência. Um caso paradigmático foi o de Justine Sacco, que tuitou uma piadinha desconjuntada sobre privilégio racial para os seus 170 seguidores. O caso é bem conhecido. Sintomático mesmo é que o próprio Ron Johnson, que entrevistou Sacco, quando tomou contato com o caso pela primeira vez, exclamou: “Oh, wow, someone is fucked”.

Existe mesmo uma datação no humor? Ou seja, vídeos hilários como *O Gordo e o Magro* (1922), *Os Trapalhões* (1974), *TV Pirata* (1988) e *Porta dos Fundos* (2012), encerram uma datação irrefutável – 90 anos entre o primeiro e o último citados – podem continuar divertindo as pessoas de qualquer geração ou época? Existe um telos no Humor?



O humor é um universo pleno de formas variadas, que se presta a diferentes usos nas sociedades ao longo da história. Ele muda não “naturalmente”, mas historicamente. Piadas são códigos culturais que as sociedades produzem em determinada época e cabe a nós, intérpretes, decifrá-las em seus usos. Por que é difícil decifrá-las? Por causa da sua óbvia efemeridade e porque elas nos chegam recobertas pelo manto da diversão – como são feitas para rir, tornam-se opacas no presente. É o que expressa a frase habitual: “É brincadeira...” Um exemplo de grande permanência é o cartum, que, por natureza, já possui uma certa perenidade intrínseca. Apesar da ascensão das telas digitais, essa modalidade de humor gráfico continuou a ser uma receita privilegiada para a comunicação instantânea. O cartum é mais fácil de compreender, pois o artista já realiza a singularização, parte do nosso processo mental de ver as imagens. Através do exagero do traço – e da abstração – o desenho cômico possui a vocação de contrariar as nossas imagens canônicas. Várias pesquisas sobre a recepção ao humor gráfico mostram o quanto o público tende a se identificar com o elemento vulnerável de uma história. Podemos até rir da vítima em uma piada, pegadinha ou anedota – desde que essas narrativas sejam construídas com certa distância, como se apenas observássemos o desenrolar dos fatos. Porém, no instante em que o narrador se posiciona como parte da história e se coloca em posição de dominância, assumindo de vez a sua superioridade, o espectador/ouvinte tende a simpatizar com a vítima.

Entre os historiadores são muitos aqueles que abordam o humor político. Dessa forma, você acredita que o humor se constitui a partir de posicionamento político? Ou seja, seria ele de esquerda, de centro ou de direita (considerando a definição clássica de cada lado a partir da Revolução Francesa e o paradigma iluminista)?

Acho que o humor de melhor qualidade, no decorrer da história, sempre esteve muito próximo da sátira política. Nunca foi totalmente de esquerda ou de direita, embora tivesse como alvo quase sempre os poderes constituídos. Hoje a direita, e sobretudo a extrema direita, tem se apropriado dos usos do humor e do cômico de uma forma avassaladora, envolvendo uma fábrica de *fake news* – e o que é pior, produzido por pessoas com uma disposição de conduta que lhes permitem acreditar sem que precisem se comprometer com aquilo em que acreditam. “É por isso que a esquerda é tão infeliz, ela não tem a menor tendência à comédia e à celebração” – alfineta o jornalista britânico Milo Yiannopoulos, um dos mais notáveis blogueiros da *alt-right* norte-americana. Por trás do aparente absurdo das *fake news* e das teorias da conspiração, oculta-se uma lógica bastante sólida de que as verdades alternativas da comédia e da sátira não são apenas um instrumento de



comunicação, mas um formidável vetor de coesão. Tais exemplos servem apenas para pontuar a apropriação do humor, em todas as suas formas, pelos elementos mais conservadores e intolerantes, através de “influenciadores” do mundo digital dos mais diversos tipos, que atuam principalmente nas redes sociais. Com o mundo digital, tais diagnósticos apenas aumentaram numa escala exagerada: o riso hoje está em todo lugar: os noticiários misturam notícias com entretenimento. Políticos se consideram experts em trocadilhos canhestros. Robôs se encarregam de viralizar frases jocosas no *twitter*. A princípio, as redes sociais exerceram um papel pluralista e aparentemente “democrático”, pois qualquer um pode se manifestar – embora alcançar uma grande audiência seja algo bastante diferente. Os algoritmos favorecem declarações e chistes que incitam emoções fortes e conflituosas: são elas que chamam mais atenção e incrementam os milhares de cliques. Pode ser uma tecnologia libertadora, mas é certo que ela não premia a moderação, premia os extremismos e a agressividade.

Antes, quando alguma pessoa tinha alguma crença bizarra (Terra plana, vacina com efeito autista etc.) um tanto fora do esquadro, sentia-se constrangida e desenvolvia formas de se conter: agora ela encontra “parceiros” para tudo na internet, inclusive para o pior. E em grupo todo mundo fica muito valente. Como observa Christian Dunker, quando estamos em grupo na internet parece que um estádio de futebol inteiro está nos aplaudindo, quando na verdade são quatro ou cinco simpatizantes. A liberação da censura depende essencialmente disso. Basta contabilizarmos as centenas de piadas ofensivas contra um gênero ou um povo e perguntarmos: quando é que isso acontece? Para Freud, isso acontece quando imaginamos ter um certo tipo de “paróquia” que, no fundo, já pensa tudo aquilo individualmente – mas que quando se junta é levado a suspender totalmente a censura. Até o ponto em que, em vez de falar e escutar, o próprio *ato de furar a censura* é que resume o encontro e o diálogo. Furar a censura é que virou uma forma de divertimento. Dessa forma, o grupo que grita mais “alto” (no sentido de mais chulo e de baixo calão) é que ganha o prêmio de mais desleal e intimidador. Isso derrete qualquer esfera pública, pois cria um grupo de pessoas que só pode falar para fabricar certezas e consequentemente a guerra aberta de opiniões. Ora, como a gramática que liga as pessoas é esta da esquizoparanoia (“dividir para perseguir e perseguir para dividir”); a solução derradeira e prevista é o choque das massas vocais, que nunca estarão dispostas à escuta, mas à dominação pelo eco.

Já com a ascensão dos memes, hoje todo mundo pode ser humorista e produzir comédia. O que faz lembrar épocas mais antigas onde todo mundo participava das festas



romanas, antes do surgimento do humor como espetáculo. Mas será mesmo? O meme é uma manifestação humorística que se utiliza da colagem de linguagens mais variadas, usando elementos cômicos inusitados, bizarros e até escatológicos. Como tudo no mundo digital, a cultura do meme é extremamente segmentada, viraliza em comunidades que possuem uma linguagem comum; mas é uma cultura extremamente efêmera (apesar de iniciativas incríveis como um Museu do Meme). O ideal é que os memes se abrissem para uma nova cultura popular, reciclando o mero mimetismo e renovando as linguagens. É o que esperamos.

Diz-se que ao explicar uma piada se retira dela a graça. Nas palavras de Ricardo Araújo Pereira, famoso humorista português: "Uma piada é como dissecar um sapo. Ninguém se diverte no processo e no fim o sapo morre [...] Eu ordeno um conjunto de palavras e, quando eu acabo de as dizer, a plateia faz um barulho, que é a gargalhada. É produzir esse barulho que me interessa. [...] As pessoas, acho eu, estão convencidas de que têm o direito de não serem ofendidas. E creio que esse direito não existe. Até porque, se existisse, eu só hoje vi 17 coisas que me ofenderam, no trânsito, na televisão." Como você percebe esse apontamento?

O humor é importante na cultura de um país justamente porque ele é associado à simples diversão. Essa trivialidade do humor constitui a porta de entrada do intérprete na cultura de um povo porque ela esconde seu sentido mais profundo na reação banal e emocional de um sorriso. Todo bom historiador da cultura deve levar a piada a sério. No caso brasileiro, trata-se de uma sociedade na qual uma ética emotiva é mais forte do que noutras culturas. A linguagem humorística brasileira se caracteriza pela paródia, não no sentido original do termo, "canto paralelo". É uma paródia da própria realidade. A vida do brasileiro é tão cheia de incongruências que basta fazer uma paródia da vida real para produzir o riso. A linguagem humorística brasileira nasce como forma de catarse de uma sociedade de excluídos, baseada no personalismo recalcado, que esconde uma ansiedade medrosa da impessoalidade de uma esfera pública. Exploramos essa tese no livro de 2002, o *Raízes do Riso*.

Primeiro é preciso desfazer a relação direta que normalmente se faz entre humor e riso. O humor abrange um campo mais vasto; não pode ser reduzido apenas ao limite das piadas, mas é um mecanismo de enfrentamento psicológico. Inúmeras pesquisas comprovam que o humor é um estratagema: quando não se resolve um conflito, e tudo

parece insolúvel, somos induzidos ao riso. Portanto, existem várias modalidades de riso, que resultam da ironia, da sátira, do absurdo ou até das piadas mais agressivas.

Hoje é muito estreita a fronteira entre um riso emancipador e o prazer risonho com a desgraça alheia, o tipo mais degenerado de comédia conhecido pela palavra alemã *Schadenfreude*. Vivemos uma crise de valores que se reflete numa crise da linguagem pública. O campo humorístico abrange um entorno muito vasto das emoções humanas e o ressentimento coletivo vive à espreita. O riso nesse caso não é de alívio, porque, o humor aí vira um processo de resolução de conflitos e a piada fornece aquele refrigerio efêmero e fugaz para a nossa própria dissonância cognitiva.

Na atmosfera na qual vivemos, onde as *big techs* estimulam conflitos porque geram clics cada vez mais lucrativos, é quase impossível tentar ao menos distinguir entre as piadas de fundo catártico daquelas outras, mais próxima da catexia. Esta última cultiva o stress emocional, a exasperação das energias e dos impulsos emocionais e sua canalização para algum tipo de solução anárquica. Nos dois casos, o humor faz a nossa consciência voar abaixo do radar, aumentando nossa energia emocional, quase sempre de forma imperceptível. E imperceptível porque a piada permanece ligada ao divertimento que a cobre com uma espécie de manto protetor, revestindo de opacidade os códigos humorísticos de uma sociedade.

O uso da linguagem humorística na internet, com raras exceções, descambou de vez para a mera *schadenfreude*, que condensa todos os estereótipos, preconceitos, chavões e ideias feitas da pior espécie. Até o poder se utiliza desse tipo de humor daninho. Difícil propor algum tipo de moderação sem recair em algum tipo de censura – o que seria muito pior. Ocorre que, como todos sabemos, a moderação é difícil, logo a mídia digital fomenta este clima agressivo e polarizador, pois as empresas dependem comercialmente deste mesmo clima.

REFERÊNCIAS

- Saliba, E. T. (2017). História cultural do humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas. *Revista de História*, 176, a01017. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.127332>
- Smith, T. W. (2018). *Schadenfreude: The joy of another's misfortune*. Londres: Brown Spark.



NOTAS

AUTORIA

Elias Thomé Saliba (entrevistado): Professor Titular, Universidade de São Paulo / USP, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, São Paulo, SP, Brasil.

Emerson César de Campos (entrevistador): Professor Titular, Universidade do Estado de Santa Catarina /UDESC, Centro de Ciências Humanas e Educação/FAED, Departamento de História Florianópolis, SC, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rodovia Amaro Antonio Vieira, 2259, Apto 405-B, Itacorubi, Florianópolis, SC, Brasil CEP: 88034-102

ORIGEM DO ARTIGO

Não se Aplica

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: E. C. de Campos

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Não se aplica.

PREPRINT

A entrevista não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© Elias Thomé Saliba e Emerson César de Campos. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Alexandre Buski Valim, Alexandre Karsburg, Alberto da Silva e Daniela Capri

HISTÓRICO

Recebido em: 12 de setembro de 2025

Aprovado em: 26 de setembro de 2025

